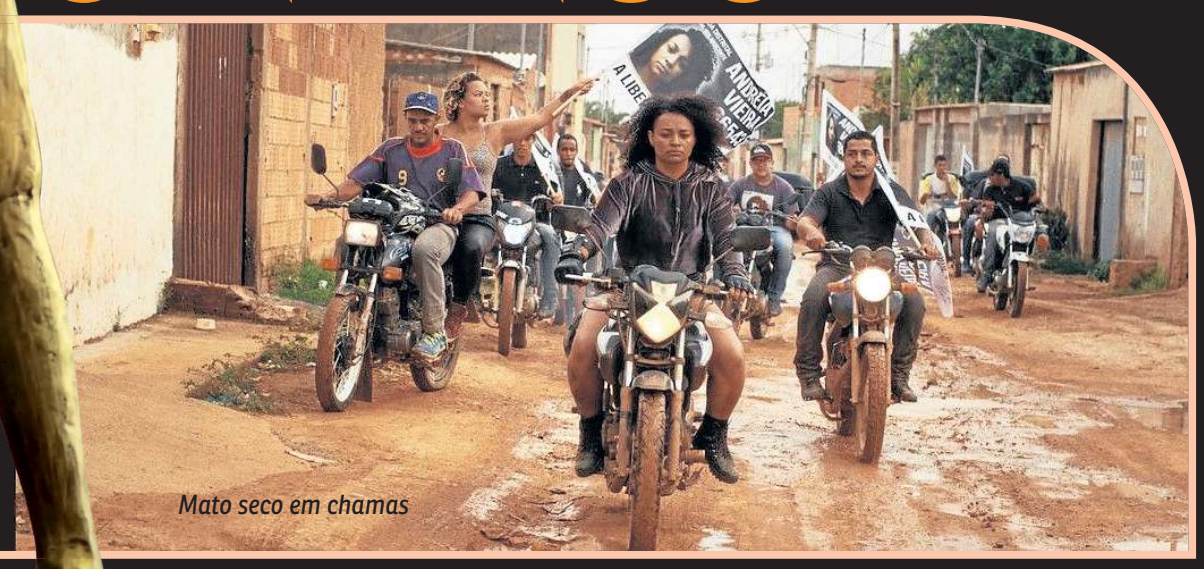
De volta ao formato presencial, em novembro, a 55ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro promete trazer temas incendiários e discussões acaloradas no Cine Brasília

NO CORPO A CORPO PELOS PRÊMIOS CANDANGO

Espumas ao vento

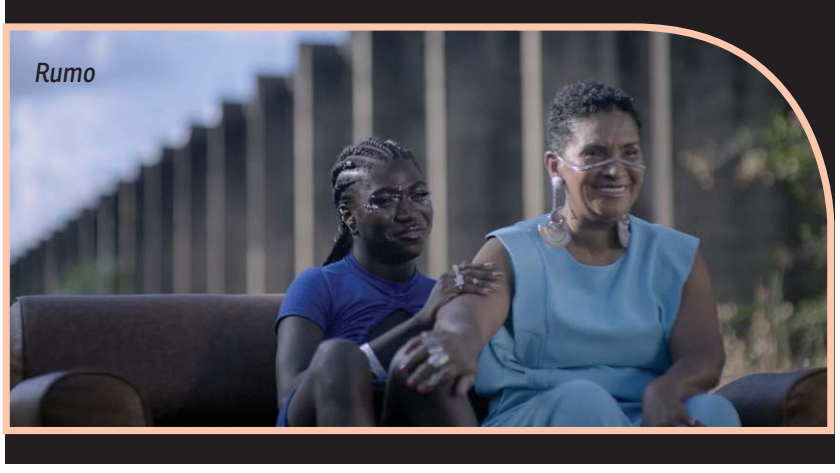
Canção ao longe



Mato seco em chamas

A invenção do outro

Mandado



Rumo

» RICARDO DAEHN

Um "conjunto orgânico de filmes", pelo que descreve a consultora e produtora Sara Rocha, vai embalar a 55ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que, de volta ao formato presencial, será abrigada, entre 14 e 20 de novembro, no Cine Brasília (EQS 106/107). Na quarta participação na coordenação do evento, Sara Rocha se tornou a primeira diretora artística do festival orçado em R$ 3 milhões, e que terá programação estendida para as regiões administrativas de Samambaia e Planaltina (com sessões gratuitas). "Temos que nos reconectar, depois de tantas perdas e traumas vindos com a pandemia. É preciso transformar traumas recentes em coisas construtivas", pontua Sara, ao tratar dos critérios para a seleção dos seis longas e dos 12 curtas que estarão alinhados pela disputa do troféu Candango.

Quem complementa o clima de entusiasmo com a festa do cinema, feita numa amostragem extraída do universo de 213 longas e 937 curtas inscritos para a seleção, é o secretário de Cultura, Bartolomeu Rodrigues. "Há a alegria, depois de dois anos sem interrupção do evento, mesmo com a pandemia. É bom ressaltar que ela ainda não acabou, mas temos condições de partir para o presencial, pelo crescimento na vacinação. O Festival de Brasília não tem amarras. Nossa orientação do evento, financiado pelo Estado, é a de não trazer limites para os trabalhos da organização. Disse: 'Façam de tudo para recolocar o festival entre os grandes dedicados ao cinema brasileiro que passa por um momento de muita dificuldade'. Precisamos discutir o futuro do cinema independente — o momento é de se repensar. Quero muita debate, aplausos, gritos e vaias (no evento)", comentou o secretário, na apresentação do evento, feita no saguão do Cine Brasília, ao final da manhã de ontem.

Contemplar a diversidade com filmes das cinco regiões nacionais segue como meta, apontando a fixação no regionalismo da produção e reafirmação de questões identitárias. Como diz Bartolomeu Rodrigues, "o festival é uma trincheira de resistência permanente". Incendiária promete ser a abertura, dada a exibição de *Mato seco em chamas*, filme de 153 minutos, feito pelo ceilandense Adirley Queirós e a portuguesa Joana Pimenta. Na fita, detentora do Grande Prêmio da 44ª edição do festival de documentários *Cinéma du Réel* (Paris), há escrutínio de personagens marginalizados, num cenário balizado pelo comércio ilegal de gasolina, com ampla visibilidade para personagens femininas. Vencedora do prêmio Saruê (atribuído pelo **Correio**, na edição de 2017 do festival), a mesma dupla do filme *Afronte*, Bruno Victor e Marcus Azevedo, comparece na competitiva, com o longa *Rumo*. Num filme de concepção híbrida, desponta a discussão das cotas raciais, instituídas há 20 anos.

Numa luta por estrutura mais "perene e estável" para o festival, a diretora Sara Rocha celebrou a candidatura de 39 longas feitos em Brasília e os mais de 300 curtas inscritos — dados que, segundo ela, refletem "os editais objetivos e consistentes" concebidos pela Secretaria de Cultura. Aspectos "conceituais, técnicos e artísticos", observa Sara, resultaram na seleção de dois longas concebidos na capital. A comissão de seleção foi integrada pelo jornalista e crítico André Dib, o pesquisador e cineasta Erly Vieira Jr e pela produtora Rafaella Rezende, além de contar com a curadora Janaína Oliveira. "A percepção de quanto a dimensão política afeta a vida cotidiana e a perspectiva de grito que não carrega a visibilidade, no dia a dia, junto com a alteridade, e a aceitação da perspectiva reforçam o princípio de que todas as vozes precisam ser ouvidas", como destaca Sara Rocha, norteou a seleção dos filmes.

Recentemente à frente do longa *Enquanto estamos aqui* (feito com Luiz Pretti), exibido na cidade, a diretora mineira Clarissa Campolina trará o filme *Canção ao longe*, que reestrutura os vínculos amorosos e familiares de uma mulher combativa em instâncias de tradição, gênero e raça. Sempre lembrada pela capacidade mobilizadora, Marielle Franco se fará presente em *Mandado*, filme carioca de João Paulo Reys e Brenda Melo Moraes. João Paulo, vale a lembrança, teve parte da formação atrelada ao Departamento de Audiovisual da Universidade de Brasília (UnB), além de ter sido forjado na escola cubana de documentários. Em *Mandado*, está a análise dos tentáculos do sistema penal, num exame da situação que atingiu moradores do Complexo da Maré, meses antes da Copa do Mundo, realizada há oito anos.

Olhar o outro

Também na linha de frente do Festival de Brasília se posiciona *A invenção do outro* (SP/AM), assinado por Bruno Jorge, e que resgata a atuação do indigenista Bruno Pereira, assassinado em junho passado. Centrado na atuação da Funai em 2019, o longa revela reencontros e o esplendor da Amazônia, ao se tocar em dados da interferência branca na etnia dos Korubos. Por fim, o concorrente, em 2014, com o longa *Pingo d´Água*, Taciano Valério apresenta o novo Espumas ao vento, filme pernambucano que costura enredo sobre a expansão de templos neo-pentecostais, ao mesmo tempo em que revela o ocaso trágico de uma trupe de artistas. Em cena, atores como Everaldo Pontes, Rita Carelli e Tavinho Teixeira.

Junto com o Dia da Consciência Negra, ao fim do evento, será exibido *Diálogos* com Ruth de Souza, filme de Juliana Vicente (criadora da Preta Portê Filmes) que reconsidera toda a carga cultural presente na celebração de uma das primeiras damas do cinema nacional (morta em 2019). No mesmo dia da premiação, o veterano Vladimir Carvalho terá projetado *Quando a coisa vira outra* (de Marcio de Andrade), que examina a trajetória do incansável realizador paraibano. Na festa do cinema promovida em Brasília, e promovida junto à OSC Amigos do Futuro, haverá espaço para a comemoração dos 80 anos do consagrado diretor de cinema Jorge Bodanzky. Duas mostras paralelas, Festival dos Festivais (com obras de Pedro Diógenes, Gustavo Vinagre e Flávia Neves) e Reexistências (com destaque para o teor LGBTQI+ de Não é a primeira vez que lutamos pelo nosso amor, com depoimentos de Alexandre Ribondi), também serão projetadas.

No pacote de curtas estão filmes como *Lugar de Ladson* (SP), de Rogério Borges, que cerca um menino cego que busca meios para externar o seu amar; C*alunga maior* (PB), composto de ecos da diáspora africana, e, festejando princípios e motes da anarquia, a produção carioca Nossos passos seguirão os seus... (de Uilton Oliveira). Noutro segmento de competição despontam títulos como *Tá tudo bem* (sobre recomposição de relações afetivas) e *Manual da pós-verdade* (que trata das fake news), respectivamente, dirigidos por Carolina Monte Rosa e Thiago Foresti.

Marcando presença

Como observa Sara Rocha, todos os festivais nacionais já realizaram presenciais, depois de contarem com afirmada ponte com o universo das exibições híbridas, fundamentais ao auge da pandemia. "Os meios virtuais envolvem série de acordos com realizadores e distribuidoras que, atualmente, complexificam a abertura da exibição de filmes inéditos na internet", comenta. Daí a linha presencial ter prevalecido, numa edição que terá a retomada de ações favoráveis ao fortalecimento de aspectos econômicos e criativos do mercado do audiovisual. Dedicada atenção, na esfera on-line, circundou a formatação de cursos e workshops voltados a webséries, campo de distribuição de filmes, atuações, assistência de direção e até o segmento dos jogos digitais. Na estrutura, o festival promete afinação junto à acessibilidade, com aprofundamento de recursos para espectadores com deficiência visual e auditiva.

A organização do Festival de Brasília comemorou a reconquista de um parceiro estratégico no cinema de Brasília: a Câmara Legislativa do DF. "Foi uma grata surpresa, depois da falta de definição, eles retomaram a seleção, e o processo (da Mostra Brasília), diretamente, isso além de aumentarem o prêmio (na ordem de R$ 240 mil)", comentou a diretora artística do evento. A Mostra Brasília retoma as sessões em horário nobre (às 18h), com direito a quatro longas.

Com 11 longas no currículo, José Eduardo Belmonte chegará com *O pastor e o guerrilheiro* (feito com a Mercado Filmes), longa ambientado nos anos de 1970, e que destrinça a relação entre um personagem comunista e um cristão evangélico, torturados em celas, e que marcam um encontro para o réveillon de 2000. Filipe Gontijo, na mostra, conduz *Capitão Astúcia*, em que um garoto é destacado como assistente para as aventuras do avô que se assume super-herói. *Afeminadas,* de Wesley Godim, trata do ser feminino, envolvido em jornadas de aceitação e de autoconhecimento; enquanto *Profissão livreiro*, de Pedro Lacerda, traz duas personalidades locais (Ivan Presença e Chiquinho da UnB) tragadas pela reorganização do mercado editorial e do comércio de obras físicas no Brasil de 2022.

Fotos: Autorias Produções Cinematográficas/Divulgação - De Bubuia Cine/Divulgação - Leticia Marottaa/Divulgação - Oublaum/Divulgação- Luba Filmes/Divulgação - Afronte Faz/Divulgação